

Je soussigné, consul gérant du Consulat de France à Rio de Janeiro, me fais un devoir d'exprimer aux enfants de Monsieur Victor Renault, Vice-Consul Honoraire et agent consulaire de France à Barbacena, tout le regret que j'ai eu de la mort de leur père dont la longue vie restée sans tache a été consacrée par l'honorabilité la plus intacte. Sa mort a été considérée comme une grande perte pour toute la Colonie Française du Brésil et en ma qualité de gérant de ce consulat, je suis heureux de déclarer que dans ses fonctions d'agent consulaire de France à Barbacena, Monsieur Renault a toujours rempli fidèlement les devoirs de sa charge à la satisfaction de ce consulat, donnant toujours des preuves de son attachement à la patrie Française et veillant avec zèle aux intérêts de ses compatriotes.

Il me reste un regret, c'est que la mort inattendue de Mr. Renault n'ait pas permis au gouvernement Français de reconnaître, par une distinction spéciale, les services qu'il a rendus.— Mais j'autorise les descendants de Monsieur Renault à faire de ma déclaration l'usage qu'ils jugeront convenable pour la mémoire de leur ancêtre.

Le Consul Gérant du Consulat de France,  
*F. Bernard.* \*

As citações feitas linhas atrás não me parecem ociosas; só ellas me conduziram á consecução do fim que tive em vista e me facilitaram a reconstrução de alguns pontos deste trabalho, na carencia absoluta de dados que me pareciam indispensaveis.

O opusculo que ora atiro aos embates da publicidade, consegui-o depois de cinco annos de incessante labuta; colleccionando documentos esparsos em archivos de familia, procurando aqui e alli informações que se me antolhavam necessarias para o esclarecimento da verdade historica.

Para não o tornar demasiado longo, tive necessidade de supprimir alguns documentos que bem poderiam figurar neste trabalho. Entretanto, eu os entregarei ao Archivo Publico Mineiro.

Terminando, faço votos para que elle possa servir de estimulo a outros mais competentes.

*Léon Renault.*

Belló Horizonte, 1903.

## NOTICIA HISTORICA

Achando-me presentemente n'esta Cidade, não devia deixar de cumprir com o grato dever de visitar e entreter-me diversas vezes, como o faz todo o viajante patriota e amante das couzas do nosso Paiz, com o illustre e muito digno cidadão francez D.<sup>r</sup> Victor Renault, ao qual tenho a honra e o prazer de me ligar tambem pelas mais gratas relações de amizade e parentesco, desde muitos annos mantidas.

N'estas uteis e proveitosas visitas e entretenimentos de uma conversação sempre alimentada pela vastidão de conhecimentos de que o Snr. D.<sup>r</sup> Renault é um verdadeiro e inexgotavel repositório, vivo e de plena lucidez, muito me impressionou o espirito a certeza que tive de não existirem, talvez, publicados tão preciosos conhecimentos, e nem d'elles terem as necessarias informações, os homens competentes nas sciencias.

Entretanto, esses conhecimentos são variadissimos, especialmente os que são relativos a muitas couzas do nosso Estado de Minas Geraes, adquiridos pelo illustre Snr. D.<sup>r</sup> Renault, sobre os sertões do Mucury e as raças indigenas que occupavam essa região, quando por elle explorada em 1836.

Digo que talvez não existam publicados esses preciosos documentos relativos áquella exploração, e que nem todos os homens competentes estão ao facto d'elles, porque, si bem que o D.<sup>r</sup> Renault escrevesse um *relatorio*, ápos a sua volta d'aquelles sertões, elle fez entrega desse *relatorio* ao então Presidente da Provincia, não reservando copia para si; sendo certo tambem que o *relatorio* foi publicado, pelos *cuidados* de Theophilo Ottoni, no *Mercantil*, periodico do Rio de Janeiro, bem como no *Recreador-Mineiro*, que se publicava em Ouro-Preto; com tudo nem uma esperanza se pode ter de que se encontre ainda o original daquelle relatorio, nem a colleção dos 2 jornaes que o publicaram.

Accresce, ainda, que num relatório o Sr. D.<sup>r</sup> Renault estava adstrieto a referir especialmente o que era relativo aos pontos sobre que estava incumbido de verificar nas regiões que foi explorar; entretanto quando na conversação íntima com aquelle erudito explorador, ficámos scientes de muitos successos, minudencias e acontecimentos cheios do maior interesse para todos os brasileiros e para as sciencias, mas que nem sempre podem vir em um relatório official nas condições acima expostas, si bem que com isso nada perca de seu merito especial.

Da melhor vontade e da bondade proverbial do Sr. D.<sup>r</sup> Renault obtivo a devida permissão para que no «Rio Novense» fossem publicados alguns factos, occurencias e acontecimentos principaes da sua viagem áquelles sertões, até então inexplorados, factos, occurencias e relações estas que não se achavam em seu relatório, caso ainda exista nos Archivos da Provincia.

Já vêdes, Sr. Redactor, que ainda que tenhamos a felicidade de encontrar o manuscrito endereçado ao Governo pelo Sr. D.<sup>r</sup> Renault, ou os jornaes que transcreveram o manuscrito, esta nossa publicação em nada desmerecerá por isso, e muito menos o referido relatório, que será sempre um documento historico e ethnographico.

O Sr. D.<sup>r</sup> Renault compoz tambem um «Dicionario» de grande numero de palavras e expressões dos indigenas do Mucury, manuscrito que se acha em meu poder, e que com a devida permissão de seu auctor será publicado neste — «Jornal» — si a isso me permittir a vossa consideração e o acolhimento que me haveis tantas vezes dispensado.

Cumpr-me, porém, desde já ponderar tambem que esse «Dicionario» é da maior importancia, attendendo-se que a lingua fallada pelos indigenas que habitam as margens do Mucury, não é nem a lingua Pury, nem a Tupy, mas inteiramente differente destas.

Por tudo isto que temos exposto se vê de quanto interesse e importancia é o assumpto de que tratamos, e é por isso que apezar de me faltarem os conhecimentos e competencia scientifica, mas sobrando-me bastante patriotismo e boa vontade, não deixo de aproveitar a occasião de colher estes valiosos dados e noticias, e pedir-vos a publicação em vosso Jornal, a fim de que fiquem archivados e ao dispor da sciencia e dos nossos compatriotas esses conhecimentos ha tantos annos adquiridos e com tantos labores pelo homem scientifico, prohibido e amante do nosso Paiz como o é o Sr. D.<sup>r</sup> Renault.

Além d'isto considero este meu esforço como um pequeno incentivo para que outros mais habilitados procurem fazer mais ampla colheita em tão vasta e rica seára, se o proprio Auctor não fizer a publicação desta importante viagem.

O nosso illustre viajante, engenheiro francez, veio na sua mocidade para o Brazil, e á 26 de abril de 1836 foi encarregado pelo Regente

do Imperio (Diogo Antonio Feijó), sendo Presidente da Provincia de Minas Geraes José Cesario de Miranda Ribeiro, para fazer a exploração dos sertões do Mucury, descendo por esse rio até á sua foz, o dahi marginando a costa do oceano até á embocadura do Jequitinhonha, e subindo por este até ás nascentes em Minas Novas.

Levou consigo 20 soldados das divisões de montanha, armados, municiados, a pé e conduzindo os comestiveis que era possível, assim como algumas ferramentas para uso da caravana e presentes para serem distribuidos entre os indios botocudos, habitantes dos sertões banhados por esses rios.

O Sr. D.<sup>r</sup> Renault, começou a sua exploração descendo pelas cabeceiras do rio Mucury.

Foi no ribeirão das Americanas que nos tempos coloniaes foi encontrada uma — *agua-marinha*, — que sendo enviada a D. João V este presentou-a a Napoleão I.<sup>o</sup>, que della fez um copo.

No mesmo ribeirão foram encontradas muitas — *Chrysolitas* —. Manifesta-se com um enthusiasmo verdadeiramente communicativo o Sr. D.<sup>r</sup> Renault quando se refere ás grandiosas e magnificas florestas virgens, que percorreu, povoadas de innumerous passaros e animaes quadrupedes de variadas especies, fórmas, côres e costumes; de innumeraveis madeiras preciosas, quer para construcção, tinturaria, medicina, marcenaria e outras industrias, quer pelas fructas, balsamos, flôres e aromas que exalavam.

N'alguns lugares mais baixos a matta tão espessa e emaranhada não permittia a entrada de quem quer que fosse sem ser a golpes de facão que abriam — *PICADAS* —; n'outros, tão limpa e desembarcada que se poderia por ella andar a cavallo um dia inteiro, pisando sempre sobre verdadeiros tapetes de — *POAIA* —, que se alastrava por todo o sólo.

O ar que se respirava era o mais puro e saudavel oxygeno, impregnado dos deliciosos aromas balsamicos da floresta.

Ouvimol-o repetir varias vezes que até hoje tem saudades dos dias que passou por aquellas mattas virgens, ponderando-nos que as verdadeiras obras dignas de admiração são aquellas grandiosas obras inimitaveis da natureza, e não aquellas de que se orgulham os grandes architectos da humanidade.

Accrescia, ainda, áquillo tudo os festivos cantos dos passaros durante o dia, ou oheios de doce melancholia juncto ás vozes monotonas e tristonhas dos quadrupedes, ao pôr do Sol e ao anoitecer, assim como os brados e uivos ameaçadores das feras durante a escuridão da noite; mas depois o magnifico concerto da alvorada, entoado por todos aquelles milhares de seres, como um hymno de prazer pelo despontar do dia, e como que um accorde ingente e solemne de festiva saudação ao supremo Creador do Universo.

Tres tribus ou raças de índios eram as que existiam n'aquelles sertões: os — NAC-NANUKS —, os — GIPOROKAS —, e os — ARANÁS.

Todos estes índios eram muito selvagens, não construindo cabanas para se agasalharem e ignorando o uso dos mais rudimentares instrumentos de ferro.

Usavam de pedras muito duras, de forma oval, com as quaes batiam repetidas vezes e com força juncto ao lugar em que n'um tronco havia colmeia, e assim arrombando a cavidade do tronco punham a colmeia a descoberto na qual enfiavam e besuntavam uma porção de — embira — secca de — *embaíba* —, que assim empregnada de mel era chupada por quasi todos junctos e ao mesmo tempo.

Empregando semelhante processo para arrombarem a cavidade da arvore, mostravam o pouco ou nem um emprego que faziam, até dos machados de pedra, tão communs entre outros selvagens.

Demoravam-se em qualquer lugar emquanto ali encontravam o que comer, mudando-se logo para um outro, em que ás vezes demoravam, apenas, um dia em cada parada, dormindo sempre pelo chão, junctos, promiscuamente homens, mulheres, velhos e creanças, sem mostrarem a minima idéa ou sentimento de pudor e andando todos completamente nus.

Era para elles motivo de grande admiração verem um passaro ou qualquer caça cahir ferida pelo chumbo, ao som do estrepito de uma arma de fogo, ao mesmo tempo que acompanhavam o espanto com grandes risadas, alarido e demonstrações de alegria.

Eram muito sensiveis ás offensas que se lhes fizesse, e uma vez despeitados ou irritados e offendidos, tornavam-se vingativos em excesso, de maneira que se tornava necessario evitar todo e qualquer motivo de desgostal-os ou offendel-os.

Para se saber até que ponto estes selvagens levam o espirito de vingança, contava-se que um delles tendo sido maltratado por um branco determinou vingar-se e poz-se por detraz de uma arvore á beira do caminho por onde havia de passar o seu inimigo e ali se conservou tres dias (!) á espreita.

Conhecedor de taes instinctos o Sñr. D.º Renault sempre evitava desgostal-os ou evital-os, de sorte que estando em uma occasião tomando n'uma vasilha a sua refeição preparada mais ou menos á moda dos brancos, um dos índios de que se achava rodeado desejou tambem participar d'aquella iguaria e sem mais cerimonia alguma foi tomando a vasilha e tratando logo de comer o conteúdo muito commoda e socegradamente.

O Sñr D.º Renault não se mostrou irritado, desculpou aquella acção propria de um selvagem e de um BARBARO que a ella não ligava a idéa de offensa.

Com a primeira vista dos exploradores os botocudos assustados, receiosos de sua vida, mulheres e filhos, ameaçados pela invasão de homens desconhecidos que elles julgavam inimigos, reuniam-se e atacavam, a caravana, com flechas e outras armas de que faziam uso, cercando o pequeno grupo de exploradores por todos os lados.

Com a pratica que tinham os soldados, conheciam, por indícios nas folhas das arvores e no chão por qualquer signal, a aproximação de botocudos; e então todo cuidado estava em não se deixarem surprender pela retaguarda, pelo que formando logo um circulo, a caravana esperava o ataque dos índios, e como estes (pelo medo que tinham dos brancos, que julgavam bichos), só atacassem de longe, as flechas chegavam já com pouca força, e tornava-se facil desvial-as com a espingarda ou com um páo.

Desgraçado d'aquelle que é apanhado por uma flecha, pois sendo ellas farpadas, o unico meio de as extrahir era deitar o ferido no chão e com as duas mãos fazendo rodar a flecha dentro da ferida, até que se alargasse esta, porém rarissimas vezes póde escapar um ferido.

Mas um dos maiores cuidados do Chefe da caravana era evitar que os soldados fizessem fogo sobre os botocudos, porque era da maior conveniencia não os assustar com o estampido das armas de fogo e muito mais ainda que fossem feridos pelos projectis d'estas, nem de qualquer outra maneira; ao contrario o Sñr D.º Renault tratava de faze-los chegar á falla por meio do — *lingua* — ou interpretes que havia entre os soldados, ou por elle proprio que já fallava alguma cousa da lingua dos botocudos.

O digno e humanitario Chefe da exploração, não só considerava estes selvagens, quando aggre diam, exercendo um direito natural de defesa do sólo de que eram os legitimos possuidores, como tambem era o seu fim fazer pazes com elles a bem da civilização dos mesmos selvagens, e do commercio da parte Norte da Provincia de Minas para o estabelecimento de um porto de mar aonde desaguasse o Mueury.

Num desses ataques em que se viu envolvida a caravana mineira, no meio d'aquelles sertões, durou tres dias, em que cerca de 400 botocudos atacavam sempre, procurando todos os meios de trucidar os brancos.

Durante todas as peripecias que se deviam dar na lucta pela existencia, que dia e noite os soldados sustentavam contra a aggressão d'aquelles barbaros, o illustrado Chefe evitava, a todo transe, que se disparasse um só tiro; mas por fim um soldado já cansado e irritado por uma lucta que parecia não mais acabar, levou a arma ao hombro para fazer fogo sobre os selvagens.

Rapidamente o Sñr D.º Renault, com a mão esquerda, abaixa-lhe o cano da arma, e com a direita apontando-lhe uma pistola no peito, lhe disse: — « *Si atiras nos índios, eu tambem te mato já* ».

Vê-se por aqui de quanta paciência, de quanta habilidade, de quanta energia, humanidade e *philosophia* era preciso revestir-se o Sn'r D. Renault para levar ao termo a sua delicada e laboriosa tarefa.

Tive o prazer de ouvir algumas vezes do Sn'r D. Renault, ao referir-nos esses factos, dizer cheio de contentamento e tranquillidade da alma que a consciencia não lhe accusava, por dar logar, uma só vez que fosse, a que se derramasse o sangue d'aquella pobre gente, que estava no seu direito, defendendo o seu torrão natal.

Os botoeudos do Mucury tambem eram antropophagos, o que era bem conhecido dos exploradores, os quaes, principalmente pelo temor das onças, tinham o cuidado de dormir trepados nas arvores, sempre que podiam faze-lo, excepto o Chefe que não tendo o habito de subir em arvores, deitava-se sempre sobre a relva humida e o chão frio, juncto ao tronco de alguma arvore que lhe offercesse abrigo.

Desta maneira era raro poder dormir bem, e por vezes foi sorprendido por selvagens que, com intenções sinistras, delle se aproximavam.

Uma dessas vezes deveu a vida a um menino indigena que a elle se affeioára, e que, deitado juncto a seus pés, foi quem pressentiu a aproximação do—*canibal*—e despertou o Sn'r. Dr. Renault para que se precavesse.

Outra vez achava-se durante o dia em palestras rodeado de selvagens e em boa paz com elles: chamou para junto de si um menino botoeudo que, apesar da timidez natural, chegou-se a elle, mas enquanto o Sr. Dr. Renault discutia com os outros, elle se entretinha em mirar muito a mão do mesmo Sr., pegando-a e a lambendo amiudadas vezes.

No momento em que os botoeudos se desviaram um pouco, o pequeno pegou na mão do Chefe, pelo pulso e disse-lhe:

«— *Corta a sua mão aqui para mim comer ella*—»

Isto nada mais revelava do que os instinctos canibae da horrosa tribu, cujas creanças já estavam acostumadas a comer carne humana.

Os botoeudos não punham duvida alguma em vender um filho, a troco de qualquer objecto trazido pelos brancos e que lhes conviesse.

O Chefe dos exploradores muito desejava obter um pequeno botoeudo, para trazel-o consigo á sociedade civilisada, e educal-o nos nossos costumes: por isso perguntou um dia a certa mãe indigena o que ella queria em troca de um dos seus filhos.

A botoeuda respondeu que lhe dava o filho em troca de uma rapadura.

O negocio foi realisado, e cada um ficou de posse do objecto que lhes cabia em troca; isto em presença de outros selvagens que se retiraram logo com a india que vendera o filho.

Não decorreu muito tempo, porém, que a india não voltasse com os outros selvagens, dizendo que a rapadura já se havia acabado, o que por isso queria de novo receber e levar o filho consigo.

Perante taes ideias de direito e de justiça, expostas por gente de tal catadura, não havia que recalcitrar, afim de não contrariar-os e evitar questões com elles; pelo que o menino foi novamente entregue á mãe que o reclamava, ficando desfeito o contracto sem algum conflicto prejudicial.

Apezar dos habitos de desconfiança, aggressão, vingança e de canibalismo de que eram possuidos estes selvagens, tinham tambem os mais bellos sentimentos, uma vez que fossem bem tratados e que não se contrariasse nunca as suas inclinações naturaes.

Desta maneira tornavam-se amigos dedicados, affeioando-se e servindo aos brancos, a ponto de mostrarem a maior gratidão possível, com o sacrificio da propria vida.

O Sr. Dr. Renault, depois de effectuado o distrato com a india, com quem trocára um filho por uma rapadura, fez aquisição de um outro menino indigena, visto que a primeira transação havia-se annullado.

De volta ao centro da sociedade civilisada fez baptisar o menino, servindo-lhe de padrinho e dando-lhe o nome de Alonso.

Quem escreve estas linhas, sendo ainda menino, viu muitas vezes o joven indio em Barbacena, e com elle brincou tambem em companhia de outros meninos, apreciando sempre a brandura de caracter e a bondade de coração do pequeno Alonso, assim como a sua affeição e amor ao seu padrinho e bondoso tutor.

Esta affeição e dedicação ao seu bemfeitor chegou ao ponto de que, tendo o Sr. Dr. Renault de fazer uma viagem, o joven Alonso, queria por força acompanhal-o, sendo dissuadido disso por seu padrinho que lhe affirmava que voltaria em poucos dias. Alonso submetteu-se, mas não ficando contente dizia constantemente durante os dias daquella ausencia—*«Padrinho foi embora e não volta mais.»*

Possuido deste pezar e deste sentimento adoeceu e o encommo-do tornou-se mortal, de maneira que quando o Sr. Dr. Renault chegou não ponde mais salvá-lo, pois o seu protegido succumbiu ás dores da saudade intensa do seu unico amigo.

A caravana continuava sempre descendo pelo valle do Mucury, ora em canoas, ora por terra; tomava certos guias entre os indios, com quem já se haviam relacionado, mas não raro era desapparecerem esses guias, sem que dissessem cousa alguma; e quando isto succedia era necessario porem-se guarda os exploradores, usando de toda cautella e prudencia, porque aquellas fugas inesperadas

indicavam que estavam perto de uma tribu de indios inimigos cruéis e antropophagos.

Os exploradores desciam o rio abaixo, quando ouviram um grito de rebate, partido de uma das margens, que dizia na lingua indigena: «— Olha o bicho bravo que vaie descendo o rio na casca de pau». (1).

Poucos momentos depois eram assaltados por uma alluvião de flechas disparadas pelos selvagens.

Chegando ás cachoeiras do rio e abaixo dellas, encontraram a tribu dos indios—Mucuinis—, raça differente da dos botocudos que fleavam acima das cachoeiras e que não eram errantes ou nomades como aquelles outros.

Esses indios, além de terem os olhos obliquos como os Chinezes, tinham uma linguagem tambem differente da dos botocudos e muito semelhante em grande numero de palavras á Chinezza.

Por exemplo:—As palavras— « Tchone—pau ; Tchone pek—lenha, tição de fogo ; Tchini— animal, carne—etc. etc. ; palavras estas que correspondem, segundo a opinião do Sr. Dr. Renault, a outras idénticas na lingua chinezza e que representam as mesmas cousas.

Perguntando-se-lhes donde tinham vindo os seus antepassados, respondiam: « Amóróni! » e acrescentavam: « óh! óh! óh! ... », pronunciando o—h— com aspiração guttural.

Na opinião do Snr. D. Renault esses indios, si bem que descendendo da raça mongolica (como todos os demais da America), provêm muito directamente do ramo chinez, em vista da analogia de feições, de linguagem e da lenda do paiz longinquo de onde vieram os seus antepassados.

Parece que foi pela região abaixo das cachoeiras que os nossos viajantes já se achavam descalços, e os mantimentos que levaram ao começar a viagem, já de ha muito estavam consumidos.

A fome tambem houve de assalta-los no meio d'aquelles sertões, pois que passaram mais de 20 dias, não tendo outra cousa a comer senão os *rhizomas* de uma especie de *sambambaiu-assu* que, apenas, lhes forneciam alimentação fraca, constituída por alguma mucilagem e amido, insufficientes materias para dar força a quem vivia dia e noite em trabalho afanoso e cheio das maiores attribuições.

Em consequencia d'isso um dos soldados não poudo resistir, e morreu de fome no centro d'aquelles invios sertões, onde foi sepultado por seus companheiros.

O Snr. D. Renault, além de andar descalço e mal vestido, já tinha as pernas em feridas vivas, produzidas pelos espinhos de jape-

(1) O *bicho bravo*—eram os brancos e a—*casca de pau*—eram as canoas em que iam os exploradores.

canga, por varios cipós espinhosos e pelos cólmos cortantes de muitas *cyporaceas*.

Foi assim que chegaram á São José de Porto Alegre, povoação que fleca na embocadura do rio Mucury, á sua margem esquerda, pertencente á Provincia da Bahia.

D'ahi seguiram as costas, marginando a Provincia da Bahia, e caminhando a pé pelas vasas de beira mar ou pela areia humida que havia n'estas costas.

O trajecto de S. José de Porto Alegre á embocadura do Jequitinhonha é de cerca de 45 a 50 leguas; e d'ahi o Snr. D. Renault, tomando o curso e o valle d'esse rio, internou-se de novo n'aquellas matas, e seguindo sempre — rio acima — achou-se novamente em Minas Novas (Estado de Minas), d'onde havia partido ha 15 mezes, tempo esse que durou a exploração.

Era tal o estado em que o Snr. D. Renault chegou ao termo de sua viagem, que um amigo que d'elle se despedira quando partiu de Minas Novas para os sertões que ia explorar, lançou-se-lhe nos braços derramando lagrimas ao ve-lo descalço, roto macilento e em extrema magreza.

Julgamos que foi na sua volta da exploração do Mucury, que estando elle com o Snr. Monlevade, proprietario de uma fabrica de ferro em Itabyra, appresentou-se-lhes um sertanejo alto, barbado, de apparencia sympathica, pedindo-lhes para que examinassem e dessem a opinião sobre uma amostra de certo mineral que trazia do centro das mattas de Moribéca, na Provincia da Bahia.

O mineral foi examinado, e reconheceram ser uma rica galena argentifera.

O sertanejo informou-lhes que atrevesando o sertão de Moribéca, encontrou os restos de edificios de pedra, desmoronados, e as ruinas abafadas pela densa vegetação da matta, distinguindo-se caracteres desconhecidos em algumas pedras, reconhecendo vestigios de antiquissima mineração.

Estando tambem em Sabará, parece que antes de encetar a exploração, ahi appareceu o celebre naturalista dinamarquez D. Lund que vinha encetar suas viagens e explorações scientificas em Minas, e que tão inesperados resultados iam dar ao mundo scientifico sobre os restos da fauna ante-deluviana existentes nas cavernas calcareas da Lagoa Santa e Rio das Velhas.

O Snr. D. Renault, confraternizando-se logo com o seu joven e illustre collega deu-lhe uma carta de recommendação, para um seu amigo, indicando tambem, ao D. Lund a gruta do Ribeirão Vermelho como uma das mais importantes da região do Rio das Velhas.

Dirigiu-se para Ouro Preto para dar contas da sua exploração e appresentar o competente Relatorio ao Desembargador Antonio da Costa Pinto, que era então o Presidente da Provincia.

Estavam explorados os sertões do Mucury e reconhecidas as suas incalculaveis riquezas, faltando, apenas, que fossem utilizadas racionalmente e sob o impulso das idéas que o Snr. D.<sup>r</sup> Renault apresentava, a fim de se alcançar o aproveitamento dos braços dos indios e o seu concurso a bem da lavoura, industria e commercio, cujo systema consistia em trata-los, sempre, amigavel, leal e fraternalmente.

Estas idéas eram muito judiciosas, muito humanitarias, de grande previdencia e muito racionaes.

Parece, porém, que não foi este o meio seguido na posterior colonisação da grandiosa região, pois as magnificas florestas do Mucury foram logo devastadas pelo machado e o fogo destruidor, reduzindo-se a cinzas, e sem grande proveito, toda aquella riqueza vegetal que a natureza empregou muitos seculos para crear.

As tribus indigenas do Mucury, que podiam ser attrahidas por meios brandos, civilisarem-se e se tornarem valiosos auxiliares dos colonos mineiros, declararam-se inimigas, porque si algum indio (desconhecendo o que é direito de propriedade), tirava algumas espigas de milho de uma roça, era perseguido e caçado a chumbo, nascendo d'ahi as represalias e as vinganças crueis de que foram victimas muitos colonos.

Muitos são os dados que se poderão colher do Snr. D.<sup>r</sup> Renault, que me prestou sempre todas as informações que delle eu exigia acerca das explorações feitas nos sertões da Provincia de Minas, onde as florestas e riquezas naturaes se apresentam pujantes e cheias de vida.

*Fr.<sup>o</sup> Leopoldino de Araujo.*

~~~~~  
**RELATORIO APRESENTADO AO GOVERNO**  
~~~~~